



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II

AO PRESIDENTE DAS "SEMANAS SOCIAIS

DA FRANÇA" NA SUA 74ª EDIÇÃO Ao Senhor Jean BOISSONNAT

*Presidente das Semanas Sociais da França*¹. Na vigília do Grande Jubileu do Ano 2000, é particularmente importante que as Semanas Sociais da França abordem o tema *De um século a outro, o Evangelho, os cristãos e os desafios da sociedade*, durante a sua 74ª sessão que se realiza em Paris de 25 a 28 de Novembro, quase cem anos após a sua fundação em 1904. Dou graças ao Senhor pelo trabalho que a vossa Instituição levou a cabo ao longo do século XX, no espírito da Encíclica de Leão XIII *Rerum novarum*. Mediante a oração, associo-me aos organizadores e aos participantes neste encontro, pedindo ao Espírito Santo que torne fecundos os trabalhos desta nova sessão. Dez anos depois da queda do muro de Berlim e no actual contexto de globalização, alegro-me pela reflexão alargada que quereis fazer acerca dos problemas complexos que a realidade política, económica e social apresenta à nossa sociedade, fundamentando-vos na doutrina social da Igreja, com o desejo de realizar uma obra inovadora para preparar o futuro, sobretudo na Europa. De modo especial, é importante desenvolver uma cultura social cujo centro seja o homem como pessoa e como membro de um povo.² As diferentes Semanas Sociais foram encontros significativos na origem de numerosas transformações na vida pública e uma bonita página de história do catolicismo social, escrita sob a inspiração de Marius Gonin e de Adéodat Boissard. Elas inspiraram inúmeros fiéis que, no seu empenhamento, quiseram viver os princípios sobre os quais está assente o ensinamento social da Igreja. Os vários presidentes que se sucederam, Henri Lorin, Eugène Duthoit e muitos outros, desejaram servir a Igreja mediante a difusão da sua mensagem social. Em 1954, o meu Predecessor Papa Pio XII escrevia ao Senhor Charles Flory, então presidente: "Tanto ontem como hoje as *Semanas Sociais*, firmes na doutrina, corajosas na investigação e fraternas na colaboração de todos, devem ser para os católicos e os seus diversificados movimentos uma encruzilhada viva em que, à luz de exposições substanciais, se confrontem as experiências, se forjem as convicções e se amadureçam as iniciativas de acção".³ Para se proceder a um discernimento cristão genuinamente fecundo sobre os problemas da sociedade, é necessário ter em conta em primeiro lugar o Evangelho e, por conseguinte, a atitude mesma de Jesus; Cristo é o paradigma de todo o comportamento humano. "A mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a acção" (*Centesimus annus*, 57). O Senhor revela-nos a verdade acerca do homem e convida-nos a prestar atenção a todas as pessoas, de maneira particular as mais débeis e frágeis da nossa sociedade. A Escritura e os Padres da Igreja exortam incessantemente os homens a entretecer relações de caridade, fraternidade, solidariedade e justiça (cf. *Filémon*, 16-17; *Didaqué*; *Carta a Barnabé*; São Justino, *Diálogos*, 11, 2). A vida das primeiras comunidades cristãs e daquelas do período patrístico é também um exemplo inestimável. Neste espírito, sem dúvida será útil referir-se a autores como Santo Ambrósio e São João Crisóstomo, que souberam evidenciar as consequências sociais das exigências evangélicas e responder às diversas e novas situações que os

cristãos de então deviam enfrentar. Desde os primeiros séculos, os cristãos empenharam-se na vida social para corresponder às necessidades que surgiam nessa época. Pensa-se sobretudo na reflexão e na actividade sociais do século IV, devidas em particular a Melânia a anciã e a Rufino, a Paládio e a Inocêncio o italiano, a Melânia a jovem e ao seu marido Pinianus, nos arredores de Jerusalém, como nos refere Basílio de Cesareia, a São Jerónimo e a Paula nas proximidades de Belém, bem como nas numerosas actividades na região de Antioquia e de Damasco.⁴ A política é o campo mais vasto da caridade e da solidariedade. Entretanto, "a caridade que ama e serve a pessoa nunca poderá estar dissociada da *justiça*" (Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, 42) porque, como sublinhava São Luís, a justiça é a primeira qualidade dos governantes (cf. *Ensinamento ao seu filho primogénito Filipe*). Por sua vez, os fiéis leigos não podem "absolutamente abdicar da participação na "política", ou seja, da múltipla e variada acção económica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o *bem comum*" (*Ibidem*). Isto já fora salientado num texto da Igreja primitiva, dirigido aos cristãos: "O lugar que Deus lhes reservou é tão nobre que não lhes é permitido abandoná-lo" (*Carta a Diogneto*, 6). Na oração a Deus, o cristão toma consciência da sua missão, discerne as acções que lhe deve levar a cabo e encontra a força para as cumprir. Para participar na *res publica*, é também importante prestar atenção especial a cada pessoa e realizar um serviço humilde ao conjunto dos seus irmãos, que se identifica com o serviço ao bem comum, com uma solicitude particularmente sentida no que concerne à probidade e à honestidade. Com efeito, todas as funções sociais pressupõem que se desenvolva uma vida interior que oriente a acção e lhe confira profundidade e o seu sentido genuíno.⁵ No decurso da sua longa história, de São Martinho de Tours a São Vicente de Paulo, o vosso país soube encontrar no seu interior admiráveis exemplos de dedicação ao bem dos pobres e dos mais desprotegidos. Diante dos novos desafios a enfrentar no próximo milénio, a França não deixará de suscitar mais leigos conscientes de que devem dedicar a sua plena capacidade cristã em benefício do trabalho "no campo próprio da sua actividade evangelizadora... no mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos mass media e ainda de outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional" (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, 70). A construção deste mundo e a revitalização dos vínculos sociais constituem uma responsabilidade que Deus confiou aos homens; elas abrem à esperança, dado que a edificação da cidade terrestre é uma preparação activa do advento de um mundo novo e um sinal do Reino vindouro (cf. *Didaqué*, 16).⁶ Os homens são chamados a trabalhar em colaboração sempre mais íntima, a todos os níveis da sociedade, promovendo os direitos fundamentais de todos os seres humanos. Cada um ocupa o próprio lugar na cidade e deve ter a parte de responsabilidade que lhe compete na construção da nação comum, em conformidade com o princípio de subsidiariedade, amplamente desenvolvido pelos Papas (cf. Leão XIII, *Rerum novarum*, 2; Pio XI, *Quadragesimo anno*). A este propósito, como deixar de recordar o valor primordial do casal e da família, que constitui a célula básica da sociedade? Quando não se observam os princípios fundamentais, quando o direito positivo já não se refere à lei natural, é óbvio que "toda a vida social fica progressivamente comprometida, ameaçada e voltada para a sua dissolução" (Encíclica *Veritatis splendor*, 101). Cabe à Autoridade genuína assegurar o bom funcionamento das estruturas do Estado, a transparência na administração pública, a imparcialidade no serviço público, o uso correcto e honesto dos fundos públicos, a rejeição dos meios ilícitos em vista de se obter ou conservar o poder, precisamente em virtude do valor da pessoa e das exigências morais objectivas (cf. *Ibidem*). Observa-se que "em muitas sociedades, inclusive na Europa, os responsáveis parecem ter abdicado das exigências de uma ética política que tem em conta a transcendência do homem e a relatividade dos sistemas de organização da sociedade. É tempo de eles serem concordes, para se conformarem com certas exigências morais que dizem respeito tanto aos poderes públicos quanto aos cidadãos" (*Discurso de João Paulo II ao Corpo Diplomático*, 15 de Janeiro de 1994, em: ed. port. de *L'Osservatore Romano* de

22.1.1994, pág. 4, n. 8). Os nossos contemporâneos devem poder readquirir a confiança no valor do processo político, que é um baluarte contra o totalitarismo financeiro e económico.⁷ Na aurora do próximo milénio, os cristãos são chamados a entrar no novo mundo como protagonistas, trabalhando em vista de promover a justiça e a dignidade do homem e de construir juntamente com todos os homens de boa vontade uma sociedade que respeite cada ser humano. O seu dever consiste em demonstrar que os valores humanos e cristãos são o fundamento do tecido social, e que a liberdade religiosa e da instituição eclesial é primordial, pois abre o caminho para o respeito das outras liberdades, as quais devem ser exercidas ao serviço do melhoramento da vida das pessoas e não da busca irrefreável do poder ou do dinheiro. É inclusivamente necessário salientar o perigo das ideologias, do comunismo ao liberalismo, que paralisam as sociedades e não cessam de fazer crescer as disparidades entre as pessoas e os povos.⁸ O século que se avizinha do seu ocaso testemunhou um importante desenvolvimento do empenho social no vosso país; basta evocar algumas das excelsas figuras cristãs, como Jean Le Cour Grandmaison, Emile Marcesche, Robert Garric, Joseph Folliet, Madeleine Delbrêl, os Abades Godin, Daniel e Raoul Follereau, Edmond Michelet, Robert Schumann, Jacques Maritain, o Padre Gaston Fessard, o Mons. Jean Rodhain e o Beato Frederico Ozanam. Encorajo-vos a continuar a obra empreendida pelos vossos antepassados e a ser os protagonistas da vida pública; assim, oferecer-se-ão aos nossos contemporâneos os elementos de que eles têm necessidade para analisar a situação actual e para encontrar renovadas energias, a fim de poderem cumprir hoje a sua missão no seio da sociedade. A Igreja conta também convosco para participar na formação das consciências e dar aos jovens a educação cívica que fará deles cidadãos responsáveis, capazes de assumir amanhã os seus compromissos ao serviço do próprio país. Como dizia o profeta (cf. *Is* 21, 11-12), os cristãos empenhados na vida social são chamados a ser como as sentinelas no alto da muralha, e devem discernir as expectativas e as esperanças dos homens deste tempo, tendo sempre a coragem de defender o ser humano e os valores essenciais para a construção da sociedade. É importante vigiar a fim de que os homens e os povos não se submetam à opressão de estruturas políticas, económicas e sociais. Ao mesmo tempo, cada cristão é exortado à fidelidade no cumprimento do dever que lhe cabe e da sua missão diária, demonstrando assim o valor de serviço aos próprios irmãos, que toda a acção na cidade terrestre reveste. Enquanto confio o encontro das *Semanas Sociais de 1999* à intercessão dos Santos da vossa terra, concedo do íntimo do coração a Bênção Apostólica aos organizadores e a cada um dos participantes, bem como a todas as pessoas que lhes são queridas. *Vaticano, 17 de Novembro de 1999. PAPA JOÃO PAULO II* © Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana